

# PRODUÇÃO DE MAPAS ESCOLARES: UMA PROPOSTA DE OFICINA PEDAGÓGICA

BERNARDINO, Virgílio Manuel Pereira<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Ensinar Geografia na atualidade significa considerar a realidade vivenciada pelo indivíduo que se tem como expectador, seu ponto de vista, sua espacialidade e assim possibilitar a compreensão da realidade-mundo da qual faz parte.

No processo ensino-aprendizagem, reitera-se que:

(...) É agindo no mundo, agindo sobre o mundo, interagindo com o mundo que se impõe àquilo que Piaget chamou de assimilação e acomodação das estruturas do pensamento (...). A ação em pensamento não é outra coisa senão a ação refletida, interiorizada nas estruturas mentais. (FREITAG, 1999: 32)

Neste sentido, resgata-se um conteúdo importante da ciência e da técnica que possibilita veicular a informação na medida que o homem vai primando e aprimorando a sua visão do/no mundo, utilizando-se para tanto recursos que possibilitam representar essas transformações sobre o espaço.

Nas palavras de Almeida (2004, p.17) "é função das escolas preparar o aluno para compreender a organização espacial da sociedade, o que exige o conhecimento de técnicas e instrumentos necessários à representação gráfica dessa organização."

Ressalta-se então a significância que os mapas desenvolvem na espacialização gráfica dos fixos e fluxos engendrados nas variáveis realçadas pelo homem enquanto agente no meio ao qual está inserido.

Ao contextualizar a existência dos mapas como instrumento de informação, salienta-se que a sua antiguidade acompanhou os primórdios da humanidade. No início a função dos mesmos era localizar fontes de alimentos, terras ou mares desconhecidos, ou ainda eram utilizados para demarcar territórios e, por muito tempo ficaram associados à localização de coisas e lugares.

---

<sup>1</sup> Professor Assistente do Departamento de Geografia da FECILCAM. E-mail: virgilio\_fecilcam@yahoo.com.br.

Vivenciar o processo global neste século XXI é também abrir horizontes para a utilização dos mapas, não ignorando a sua importância na contextualização e intensificação das relações espaço-temporais estabelecidas pelas sociedades evolutivas de outros tempos. Para Taylor (1991), “na era da informação eles precisam também responder a uma variedade de outras questões como 'porquê', 'quando', 'por quem' e 'para que finalidade', e precisam transmitir (...) uma variedade mais ampla de temas do que o necessário anteriormente”. Mas como ensinar aos nossos alunos tanta informação e despertar o interesse pela geografia cartográfica?

## **MATERIAL E MÉTODO**

Abordar as etapas de produção de mapas escolares nesta discussão, possibilita retratar aqui o trabalho desenvolvido com acadêmicos do primeiro ano do curso de geografia da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão – FECILCAM e para que efetivamente houvesse maior receptividade e êxito na execução desse trabalho, foram estabelecidos diferentes momentos para a elaboração da oficina: em um primeiro instante atentou-se para o perfil e realidade dos alunos, bem como para a aplicabilidade posterior. Para a aplicabilidade e execução desta produção utilizou-se retroprojektor, transparências, tecido (lonita), tintas para tecido e pincéis.

Como etapas propriamente ditas, seguiu-se:

1 – Para ampliar o mapa foi usada transparência e retroprojektor. A projeção no tecido facilitou a produção, o qual foi rapidamente transferido para o tecido, conforme figura 01;  
2 – Com tintas adequadas e cores diversas, iniciou-se a pintura, figura 02. Como os mapas falam através de símbolos e de cores, esses aspectos foram explicados durante a produção. Assim, muitas informações foram transmitidas aos alunos de forma descontraída, clara e interessante. Desta forma os alunos tomarão conhecimento que existe uma simbologia cartográfica que pode tanto representar aspectos físicos quanto humanos. Por exemplo, a cor azul deve ser usada para representar a água, e que uma linha azul pode corresponder a um rio.

Outro aspecto destacado durante a produção de mapas, refere-se à compreensão e aos tipos de escala (gráfica e numérica) e à sua aplicabilidade. Os mapas com escalas pequenas mostram áreas grandes com poucos detalhes. Um mapa da América do Sul, por exemplo, é um mapa com escala bem pequena. Já nos mapas com escalas grandes, como plantas de cidades ou rodoviários, as áreas pequenas são mostradas em mais detalhes e os aspectos neles contidos são maiores.



Figura 1: Uso do retro-projetor para cópia dos dados para o tecido



Figura 2: Pintura do mapa

3 – Por fim é feito o acabamento com caneta própria para tecido. É colocado o título, a legenda, a escala calculada para o novo mapa, agora ampliado e nas extremidades foram colocadas as hastes para apresentar o mapa como um “banner”.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Elaborando mapas, os alunos podem expressar uma gama bastante eclética de informações, desde ruas, cidades, montanhas, países e até astros no universo. Desenvolver experiências, desenhar mapas ou construir maquetes ajuda os alunos a compreenderem como a geografia determina o mundo vivenciado atualmente, pois

“a verdadeira compreensão se opõe à memorização. Quem memoriza retém o conhecimento de forma mecânica e, portanto, não aplica ou transfere o que foi apreendido; quem compreende se apropria e constrói o conhecimento, associando-o a outros que já possuía.” (ANTUNES, 2001: 31)

Ao procurar reter informações soltas, executa-se a aprendizagem mecânica não perpetuando o conhecimento pretendido; já na aprendizagem significativa, dá-se significação ao que se aprende e que mais facilmente será guardado.

A idéia fundamental é a de aprendizagem significativa, na qual a organização cognitiva é considerada em termos hierárquicos; possui conceitos mais ou menos inclusos, portanto, com diferentes potenciais de ancoragem das novas aprendizagens. (...) Enfatizamos, nessa perspectiva, a ação decisiva da natureza social da aprendizagem, no papel mediador da linguagem na construção do pensamento, e destacamos, na aprendizagem de conceitos científicos, dois processos relacionados e igualmente importantes para a construção do conhecimento do aluno: um primeiro a abstração dos conceitos espontâneos, tornando-os mais gerais; e outro, de aquisição do conteúdo dinâmico dos conceitos, enriquecendo-os de atributos familiares do sujeito. Esse processo se dá em interação social, na sala de aula, envolvendo professor e alunos. (FRANCISCHETT, 2002:30)

Quando o professor agrega à sua função o papel mediador, ele traz em si as metas e objetivos que estruturam a sua proposta de ensino, procurando mostrar ao aluno a dimensão social do trabalho.

Esta inovação enquanto recurso didático apresenta grande relevância para o ensino da geografia, pois oferece uma série de vantagens: a sua própria construção já constitui importante aprendizado; pode ser produzido em escolas de pequeno poder

aquisitivo e pelos alunos sob orientação do professor – a escola adquire um mapa com grande efeito visual podendo ser visualizado com clareza por todos os alunos da sala de aula e com isso todos aprendem; por ser de tecido e com tintas adequadas para o mesmo, o mapa pode ser lavado. O mais importante é que todos os envolvidos passam a visualizar a cartografia escolar de uma forma mais concreta e familiar, servindo de motivação social, o que possibilita a inserção de novos conhecimentos correlatos para a realidade do indivíduo.

Conforme ressalta Malysz e Passini (2001) a habilidade de desenhar e, portanto, de representar o espaço através de mapas constrói-se no aluno à medida que este desenvolve a habilidade motora e amplia a percepção do meio em que vive. Para que o aluno realize o trabalho de leitura, análise e interpretação das informações contidas no mapa, é fundamental que ele já tenha sido orientado. O professor de Geografia desempenha relevante papel neste trabalho, possibilitando que o aluno tire dúvidas, avance na produção dos mapas e no conhecimento geográfico, ou seja, “o papel do professor é estimular essa aprendizagem a interagir com outros desafios e a dar-lhes significado, ampliando a rede do saber por meio de habilidades operatórias”. (ANTUNES, 2001: 17)

Os mapas elaborados através de uma produção como esta, proporcionam ao professor averiguar e constatar o perfil de desenvolvimento da espacialidade de seus alunos, para a partir de então estimulá-los ao aprimoramento e avanço do conhecimento geográfico, lançando-os ao aprofundamento de outras formulações cartográficas, uma vez que estes acadêmicos apresentaram, através de relatos, interesse e satisfação pessoal em estarem participando desta construção do conhecimento.

## **CONCLUSÃO**

Destaca-se neste momento, a real significância do acompanhamento das diferentes etapas da execução do trabalho na oficina, onde a observação, a dedicação ao aluno, o estímulo e a valorização dos conhecimentos por eles adquiridos possibilitam concretizar a relação/interação mediadora entre aluno – conhecimento – professor.

Tornou-se possível através do relato dos acadêmicos envolvidos na elaboração desse material, desenvolver um “feed-back” quanto à aplicabilidade metodológica do ensino da cartografia voltado para o aprofundamento do conhecimento geográfico.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola.** 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

ANTUNES, Celso. **Trabalhando habilidades: contruindo idéias.** São Paulo: Scipione, 2001.

FREITAG, B. Aspectos filosóficos e sócio-antropológicos do construtivismo pós-piagetiano. In: GROSSI, E. P. & BORDIN, J. (orgs). **Construtivismo pós-piagetiano: um paradigma sobre aprendizagem.** 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. **A cartografia no ensino da geografia: construindo os caminhos do cotidiano.** Rio de Janeiro: Litteris Ed.: KroArt, 2002. p. 30.

MALYSZ, Sandra Terezinha e PASSINI, Elza Yasuko. **O Desenho Espontâneo e a Criança Mapeadora** – o desenvolvimento das relações espaciais na criança de 10-11 anos. Boletim de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, Pr, 2001. p. 232.

TAYLOR, D. R. F. **Uma base conceitual para a Cartografia: novas direções para a era da informação.** Tradução de Regina Vasconcellos. Caderno de Textos – Série Palestras. São Paulo: LEMADI – Depto. Geografia – FFLCH, USP, Ano I, n. 1, pp. 11-19, ago. 1992.